

Traços categorizadores na derivação de pares nome-verbo em Libras

Hadassa Rodrigues Santos*

Resumo

A morfologia tem por objeto de estudo a estrutura, formação e categorização de unidades lexicais e apresenta diferentes perspectivas de análise. Sob o aporte gerativista, o componente lexical dispõe de palavras previamente categorizadas e traços que são o *input* para a sintaxe (CHOMSKY, 1970). Em Halle e Marantz (1993), a morfologia não existe *per se*, mas está distribuída em diferentes lugares da arquitetura da gramática e deve espelhar as operações sintáticas. A partir desse viés, assumimos que a formação de sinais e estruturas complexas se dá em um único *locus* gerativo, o componente sintático. Assim, entende-se que, em uma língua não oral, a Libras, raízes acategoriais são concatenadas a traços abstratos, por meio de regras de inserção de conteúdo fonológico, para se formarem os sinais. Neste artigo, evidenciamos pares nome-verbo que apresentam uma mesma forma superficial e são diferenciados sintaticamente por um *v* ou por um *n* categorizador, com realização fonológica \emptyset ou com realização específica em alguns membros dos pares. Essa proposta corrobora o Princípio da Uniformidade (CHOMSKY, 2001), pois, na ausência de fortes evidências que apontem para o contrário, reforçamos que as línguas são uniformes e as variações são restritas a propriedades facilmente identificáveis dos enunciados.

Palavras chave: Morfologia. Traços. Categorização. Libras.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Orcid ID <https://orcid.org/0000-0002-4982-3425>.

Categorial features in the derivation of noun-verb pairs in Brazilian sign language

Abstract

The objects of study of morphology are the structure, formation and categorization of lexical units, and they have different perspectives of analysis. Based on the contributions of generative grammar, the lexical component has previously categorized words and features that are the *input* to syntax (CHOMSKY, 1970). According to Halle and Marantz (1993), morphology does not exist *per se*, but is rather distributed among different places in the architecture of grammar and must reflect syntactic operations. From this viewpoint, we assume that the formation of complex structures and signs occurs in a single generative *locus*, the syntactic component. Therefore, it is considered that in a non-spoken language, Libras (Brazilian Sign Language), acategorial roots are linked to abstract features, through phonological content insertion rules, in order to form signs. In this paper, we demonstrate noun-verb pairs that have the same surface form and are syntactically differentiated by a categorizer *v* or *n*, with phonological realization \emptyset or with specific realization in some members of the pairs. This proposal corroborates the Uniformity Principle (CHOMSKY, 2001), since, in the absence of solid evidence that indicates otherwise, we reinforce that languages are uniform and variations are restricted to easily identifiable properties of utterances.

Keywords: Morphology. Features. Categorization. Libras.

Recebido em: 24/03/2020

Aceito em: 08/06/2020

Introdução

A produtividade lexical é um princípio da linguagem e independe do sistema sensório-motor disponível para o indivíduo, seja ele oral-auditivo ou visuo-espacial. Uma língua de modalidade visuo-espacial ou visuo-gestual é acessada pelos olhos e produzida pelas mãos e pelo corpo, utiliza-se de inclinações corporais, direcionamento do olhar e expressões não manuais dotadas de valor gramatical. Assim, uma comunidade de sinalizantes¹ é capaz de ampliar e renovar seu acervo lexical por diferentes recursos e processos linguísticos.

A literatura que trata dos processos de formação de palavras e sentenças sugere que eles devem ser universais e se aplicar a qualquer língua. Uma diferença de modalidade, como a que se encontra entre as línguas orais (LOs) e as línguas de sinais (LSs), atesta que algumas particularidades são importantes. A Libras — Língua Brasileira de Sinais — objeto de estudo deste artigo, é produzida em modalidade distinta das LOs.

Essa diferença de modalidade acarreta especificidades estruturais em cada sistema. Uma delas é o fato de as LSs possibilitarem a realização de construções simultâneas, uma vez que possuem dois articuladores primários, as mãos. Diferentes informações podem ser sinalizadas por cada mão, o que reflete diretamente no sistema de formação de palavras,² levando à criação de sinais simultâneos, por exemplo. Ainda, a evidência de processos morfológicos não concatenativos,³ nessa modalidade, se dá, por exemplo, quando um sinal ou um morfema diferente

1 Comunidade de sinalizantes refere-se a um grupo de sujeitos que faz uso de uma língua de sinais.

2 Neste artigo, utilizaremos os termos palavras e sinais como correspondentes, independentemente da diferença de modalidade.

3 Processos não concatenativos são aqueles em que a sucessão linear dos morfemas de um item lexical pode ser rompida, de modo que uma informação morfológica não necessariamente se inicia no ponto em que outra termina (GONÇALVES, 2009).

Na modalidade visuo-espacial, isso implica a junção simultânea de morfemas para a formação dos sinais.

é realizado por cada mão ou quando um sinal é realizado pela mão e outro é realizado pela região da boca, podendo envolver os lábios, as bochechas e a língua.

A despeito das especificidades que envolvem o canal de articulação, espera-se que as semelhanças entre as línguas orais e as línguas sinalizadas sejam maiores que as diferenças encontradas entre elas. Nesse sentido, o Princípio da Uniformidade se aplica, pois, na ausência de fortes evidências que apontem para o contrário, assume-se que as línguas são uniformes e as variações são restritas a propriedades facilmente identificáveis dos enunciados (CHOMSKY, 2001).

Há de se considerar que o estatuto de línguas jovens e seu recente reconhecimento como um campo de pesquisa fazem com que os estudos que elegem as línguas de sinais como objeto de análise sejam desafiadores e nada triviais (MEIR, 2012). Portanto, este artigo visa a abordar a formação de sinais, na Libras, ao investigar a derivação de pares nome-verbo, a partir de uma discussão acerca: i) dos elementos envolvidos em tais construções — raízes acategoriais e traços abstratos e ii) da atribuição da categoria verbal ao sinal. A problemática que motiva a análise se coloca na seguinte questão: quais são as semelhanças e diferenças na derivação dos membros dos pares nome-verbo na Libras?

Acreditamos que a análise de tal fato em uma língua visuo-espacial contribui para a compreensão do funcionamento da linguagem humana, do desenvolvimento das línguas, de modo geral, e da teoria que usaremos para a análise, a Morfologia Distribuída (MD).

Para tanto, as seções deste artigo estão assim organizadas: a primeira seção apresenta os pressupostos teóricos da MD, em

linhas gerais, e como a arquitetura da gramática é proposta dentro desse modelo; na segunda seção, discutimos a aplicabilidade da MD para a análise da formação lexical em línguas sinalizadas; na seção seguinte, desenvolvemos a análise dos dados e, finalmente, apresentamos nossas considerações finais.

1 Morfologia Distribuída

As produções de cunho gerativista, na década de 80, abordavam a morfologia como um nível de análise linguística com autonomia limitada e seus processos estavam relacionados às transformações sintáticas ou a fatores fonológicos. Nessas vertentes de viés lexicalista, o funcionamento da derivação sintática se dava a partir das palavras, como elementos primitivos (DI SCIULLO; WILLIAMS, 1987). Na Teoria de Princípios e Parâmetros e em versão do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995; 1998), as palavras e os traços armazenados no léxico tornaram-se elementos manipulados pela sintaxe, e a junção desses primitivos a um conjunto de regras que configuravam a gramática gerava objetos complexos (EMBICK, 2010).

Nesse cenário, surge a discussão sobre o *locus* da morfologia na gramática. Tem-se, então, o trabalho de Morris Halle e Alec Marantz (1993), propondo que a morfologia não existe *per se*, mas está distribuída em diferentes lugares da arquitetura da gramática e deve, por princípio, espelhar as operações sintáticas. Em um período em que se buscava construir uma teoria econômica, com poucos princípios para explicar o funcionamento das línguas naturais, um modelo com um único componente gerativo de palavras e sintagmas parecia ser mais razoável dentro da teoria gerativa.

No modelo esboçado por Halle e Marantz (1993), a sintaxe não mais opera com unidades lexicais previamente extraídas do léxico, mas a partir de traços abstratos que serão concatenados a raízes abstratas para a formação lexical. Essa mudança na natureza dos elementos que iniciam a derivação sintática advém de uma nova arquitetura da gramática, do inglês *Distributed Morphology*, que estamos chamando de MD.

Os trabalhos desenvolvidos dentro da perspectiva da MD apresentam uma remodelagem na arquitetura gramatical dos modelos que a antecederam, pois se dispensa o léxico como um componente gerativo.

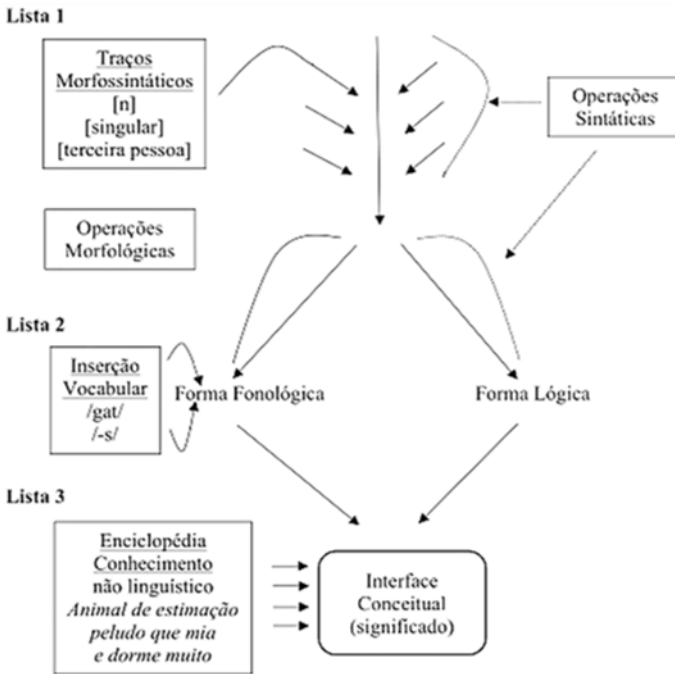
Sob os moldes dessa nova arquitetura, a morfologia desloca-se de dentro de um componente lexical para um nível linguístico distribuído por todas as etapas da derivação sintática, assim, o processo de formação de palavras sai do confinamento exclusivo ao léxico, com propriedades e princípios exclusivos, e passa a ser regido pelas operações sintáticas como um todo.

Nesse sentido, a premissa central da MD coloca-se na derivação de palavras e sentenças por um único componente gerativo, a sintaxe, representada em diagramas arbóreos em que os nós terminais são os morfemas constituídos de traços gramaticais e fonológicos.

O modelo proposto por Halle e Marantz (1993) parte da ausência de um componente lexical gerativo, presente em modelos lexicalistas que o antecedem, e está organizado sob três módulos que comportam todas as informações necessárias para a derivação sintática. Esses módulos são nomeados de listas e interação na derivação em contextos distintos. A figura abaixo representa a estrutura da gramática da MD, indicando a distribuição das informações contidas nas listas durante a

derivação sintática.

Figura 1 - Arquitetura da Gramática em MD



Fonte: Siddiqi (2009), adaptado por Armelin (2015).

Como representado na FIG. 1, nesse arranjo, os elementos primários são feixes de traços abstratos, tais como [plural], [pessoa], [nome], [tempo], [número], dentre outros, e morfemas lexicais ou raízes, sendo unidades acategoriais. Na primeira lista, denominada de Lista 1, estão armazenados os traços abstratos sem substância fônica, é nesse *locus* que são inseridas as raízes abstratas.

A sintaxe, por sua vez, combina esses feixes de traços a raízes e, em determinada etapa da derivação, ocorrerá uma bifurcação — uma cópia dessa estrutura seguirá para a interface

sensorio-motor e a outra cópia seguirá para a interface conceitual-intencional. É de conhecimento em teorias gerativistas esse momento de bifurcação, o diferencial no modelo da MD é que a sintaxe ainda está operando com material abstrato, sem conteúdo fonológico, que só entrará em cena na derivação por meio da Lista 2.

A segunda lista armazena os *vocabulary items* (IV) ou peças de vocabulário, como prefixos, sufixos e marcas de concordância. Esses itens de vocabulário são as regras fonológicas de correspondência entre os nós terminais abstratos, derivados, na sintaxe, a partir da combinação de feixes de traços da Lista 1 e feixes de traços fonológicos. É exatamente nessa lista que entra a informação fonológica ausente nos traços da primeira lista. Um IV é exemplificado como: /Iz/ → [1pessoa], [plural]/ v _____. Essa regra pode ser lida como: insira a forma fonológica /Iz/ em contextos que tenham os traços de primeira pessoa e plural, em um ambiente verbal.

Essa etapa em que um nó terminal sintático assume um conteúdo fonológico é peculiar na MD, pois um feixe de traços abstratos pode ser associado a qualquer IV especificado para um subconjunto de traços desse mesmo feixe, conhecido no modelo como Princípio do Subconjunto. Outra peculiaridade é que os IVs competem entre si para a inserção de fonologia em um feixe de traços sintáticos. O resultado dessa competição está no IV que seja mais especificado para um conjunto de traços maior, dentro daquele feixe. Isso resulta na assertiva que IVs não necessariamente precisam ser especificados para todos os traços encontrados em uma posição sintática (SCHER, 2015).

Ainda, esse modelo admite a existência de uma terceira lista, a Lista 3, nomeada de Enciclopédia. Ela é o *locus* do

conhecimento extralinguístico do falante, em que estão armazenados significados convencionais e idiossincrasias. Em coerência ao que o modelo assume, a Enciclopédia não se limita a unidades lexicais, podendo ter em seu escopo significados especiais para morfemas e até frases completas.

Até aqui, apresentamos a estrutura base da gramática na MD. Na próxima seção, discutiremos sobre sua aplicabilidade na derivação lexical em uma língua de modalidade distinta da oral, a Libras.

2 Morfologia Distribuída aplicada às línguas de sinais

Na seção anterior, vimos que, na derivação de unidades lexicais e objetos complexos, o modelo proposto por Halle e Marantz (1993) admite que, a partir de operações sintáticas, raízes acategoriais são concatenadas a traços abstratos por meio de regras de inserção de conteúdo fonológico, de forma que:

O sistema linguístico seria, então, alimentado por traços formais abstratos, e esses traços sofreriam as operações sintáticas, como *merge* e *move*, formando primeiramente palavras e, em segundo momento, sentenças. Assim, a Morfologia Distribuída trabalha com estruturas sintáticas hierarquizadas *all the way down*, o que significa que o arranjo dos Itens de Vocabulário constitui uma hierarquia, estabelecida pela Sintaxe. (FINAU; MAZZUCHETTI, 2015, p.76).

Em línguas de sinais, as unidades lexicais são formadas a partir de parâmetros⁴ (STOKOE, 1960), a saber: Configuração de Mão (CM), Localização (L) e Movimento (M), sendo esses as

⁴ Os parâmetros são as unidades mínimas que compõem a fonética-fonologia de línguas sinalizadas, não estão relacionados com o uso do termo “parâmetros” na Teoria Gerativa.

primeiras unidades formacionais observadas nessa modalidade. Análises posteriores apontaram outros dois parâmetros de formação fônica⁵ em línguas sinalizadas: Orientação da Mão (OR) e os Aspectos ou Expressões Não Manuais (ENMs).

Uma proposta de análise da derivação lexical em modalidade visuo-espacial, sob o modelo teórico da MD, é vislumbrada por Minussi e Rodero-Takahira (2013) e em Rodero-Takahira (2015). Os autores consideram que os parâmetros formacionais atuam como fonemas e morfemas e também podem ser considerados como traços abstratos de um núcleo abstrato, conseqüentemente, servem para compor a semântica dos itens lexicais.

Assim, os parâmetros que constituem o sinal exercem funções múltiplas em momentos distintos da derivação. Essa hipótese assemelha-se ao que se verifica em línguas orais, segmentos fonológicos podem funcionar de maneira distinta em diferentes contextos, o que atesta que esta é uma característica da linguagem.

Sob esse enfoque, os parâmetros da Libras devem atuar em três níveis diferentes, com propriedades distintas em cada nível. No início da derivação sintática, os parâmetros são traços abstratos; em outro momento, parâmetros específicos tomam o valor de morfemas e, quando o sinal se realiza, os tipos de parâmetros são vistos como fonemas (MINUSSI; RODERO-TAKAHIRA, 2013).

Na derivação de nomes e verbos, em Libras, as raízes só receberão uma categoria sintática quando concatenadas sintaticamente a um categorizador, nome (n), adjetivo (a) ou verbo (v), conforme predica o modelo (MARANTZ, 1997).

⁵ O uso dos termos “fonema” ou “fonologia” pode causar um estranhamento ao leitor não familiarizado com as LSs. Contudo, essa mesma terminologia é empregada para referir-se às menores unidades distintivas nessa modalidade e suas regras combinatórias.

A hipótese sobre a qual nos apoiamos neste trabalho é a de que os pares nome-verbo na Libras apresentam uma mesma forma superficial. Sendo assim, tais pares são categorizados e diferenciados sintaticamente por um traço categorizador *v* (verbal) ou por um *n* (nominal) com realização fonológica \emptyset , ou com realização específica em alguns membros dos pares em que há uma diferenciação entre o sinal para o nome ou para o verbo.

Em análise de LOs, Scher (2015) argumenta de forma semelhante, pois considera que as diferenças de comportamento entre nomes e verbos se dão por meio de processos gerais, que operam estruturas sintáticas específicas e estão vinculados à presença ou ausência de categorias funcionais, tais como Tempo, Aspecto e Caso, por exemplo.

Diante disso, na seção 3, apresentamos a discussão presente na literatura sobre a formação de pares nome-verbo da Libras em paralelo à proposta de análise dos dados, a fim de compreender como ocorre a categorização dos membros desses pares e se existem evidências morfofonológicas que contribuem para a categorização gramatical.

3 A categorização em pares nome-verbo da Libras

É de conhecimento, na literatura de línguas sinalizadas, a discussão sobre a categorização gramatical entre sinais que apresentam uma mesma forma superficial para indicar nome e verbo, aqui denominados como pares nome-verbo.

Em Libras, essa discussão, por muito tempo, baseou-se na presença e/ou ausência do parâmetro movimento (M) como uma característica distintiva entre os membros dos pares. Inicialmente, Quadros e Karnopp (2004) propuseram que pares nome-verbo se

diferenciam pela mudança no parâmetro M, conforme já havia sido observado em pares da ASL.⁶ Felipe (2006) ressalta que nem todos os pares nome-verbo apresentam essas diferenças. A variação e a falta de padronização na qualidade do movimento dos pares são detalhadas em Pizzio (2011), que também considera possíveis mudanças em algum dos parâmetros formacionais e, ainda, a ocorrência de forma composta para a contraparte nominal, como indicativo da diferenciação do par.

Na tentativa de compreender a categorização em pares nome-verbo da Libras, a partir dos pressupostos teóricos que apresentamos na seção 2, trabalhamos sob duas hipóteses. Primeiramente, no momento da derivação sintática, a presença de um morfema boca,⁷ do inglês *mouth morpheme* (MM), marcado com o traço [+expressão facial/boca], comporta-se como um categorizador verbal, que o distinguirá da contraparte nominal do par. E, de igual forma, a presença do morfema que se realiza como um movimento (M) e que contenha o traço funcional [+movimento] é um categorizador verbal, no sentido sugerido por Minussi e Rodero-Takahira (2013).

Para justificar as hipóteses colocadas, tomaremos como base para a análise dos dados trabalhos que tratam de pares nome-verbo, em Libras, considerando padrões de movimento ou ENMs⁸ presentes no sinal, como pistas para diferenciar a contraparte verbal da nominal. Elencamos, então, os oito pares nome-verbo mais discutidos na literatura, extraídos dos trabalhos de Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006), Pizzio (2011), Rodero-Takahira (2015), por exemplo.

6 Língua de Sinais Americana (ASL).

7 Morfema boca (MM) refere-se à articulação da boca como um morfema independente, combinado à articulação do sinal manual (BICKFORD; FRAYCHINEAUD, 2008).

8 Expressões não manuais (ENMs) compõem os parâmetros formacionais em línguas sinalizadas e correspondem a movimentos da face e do corpo que podem ocorrer simultaneamente à sinalização manual.

O objetivo de retornar a esses dados foi verificar se às características apresentadas como distintivas dos sinais, a saber, a presença e a qualidade do movimento — se curto ou longo, no momento da articulação, está associado algum aspecto não manual e se tal ocorrência é passível de explicação pelo arquétipo da MD.

No ANEXO 1 deste trabalho, apresentamos a forma de articulação dos dados selecionados, em Libras, registrados em fotogramas. Os pares nome-verbo selecionados estão dispostos no Quadro 1.

Quadro 1 - Pares nome-verbo, em Libras

TRABALHO
TRABALHAR
ESCOVA DE DENTES
ESCOVAR-DENTES
TESOURA
CORTAR-COM-TESOURA
ESCRITA
ESCREVER
AVIÃO
IR-DE-AVIÃO
CARRO
DIRIGIR-CARRO
FACA
CORTAR-COM-FACA
DANÇA
DANÇAR

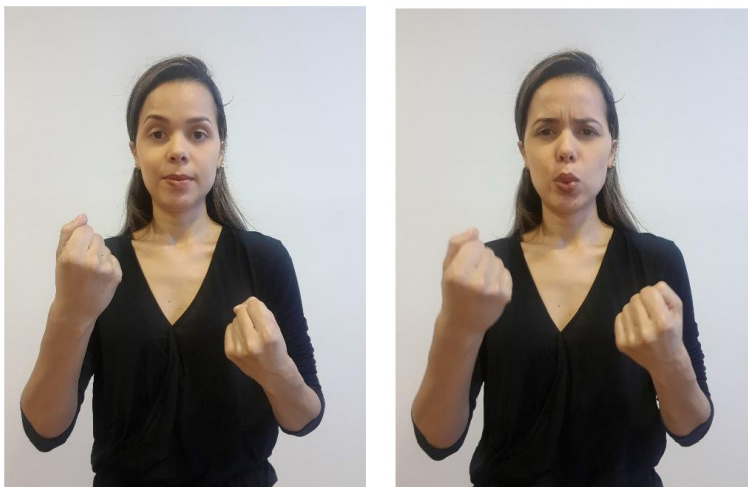
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A literatura citada ofereceu possibilidades para a categorização gramatical, contudo, percebe-se que há grande variação na produção de pares nome-verbo entre os sinalizantes, de forma que não há uma característica exclusiva que identifique todos os membros de uma certa categoria. Entretanto, é consenso nesses trabalhos que o parâmetro M e a articulação de um morfema boca, combinado à articulação manual, sugerem a categoria gramatical em grande parte dos pares elencados. A presença de MM na contraparte verbal dos pares é verificada em Rodero-Takahira (2015), por exemplo.

O morfema boca não é considerado um sinal porque não pode ser realizado sozinho, sem a articulação do sinal manual, e é comumente marcado com valor adverbial, de forma que se anexa a verbos. É por essa razão que um MM presente em um sinal e marcado pelo traço [+expressão facial/boca ou + E] age como um categorizador verbal (BICKFORD; FRAYCHINEAUD, 2008).

É o que ocorre na contraparte nominal em CARRO, não especificada pelo traço [+E]. Por outro lado, na articulação da contraparte verbal, DIRIGIR-CARRO, verificamos a incidência do traço [+E], com a articulação de um MM (ver ANEXO 1). Um MM, quando realizado, ocorre em uma posição de categorizador. Nesse caso, então, o traço de [+E] mapeia, na sintaxe, o local em que o item de vocabulário MM, nos termos da MD, deve ser inserido pós-sintaticamente.

Figura 2 - Par CARRO - DIRIGIR-CARRO, em Libras



Fonte: Acervo da autora (2020)

Essa hipótese também se confirma no par AVIÃO - IR-DE-AVIÃO, a contraparte verbal apresenta um MM simultâneo à articulação manual, de modo que a presença do traço [+E] é distintivo na categorização. Alterações no padrão do movimento são percebidas na articulação do verbo ESCREVER, a contraparte verbal tem seu movimento mais alongado, o que a distingue do nominal, ESCRITA, que possui um movimento encurtado em relação ao verbo.⁹

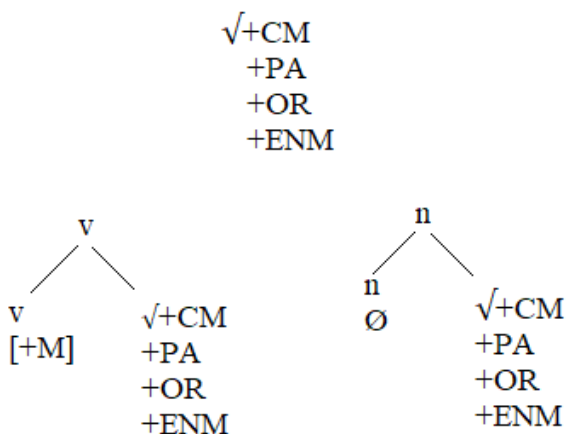
Em continuidade às análises, baseamo-nos em Minussi e Rodero-Takahira (2013), que consideraram diferenças na qualidade do movimento, na repetição ou no aumento dele na contraparte verbal do par. Os autores sugerem que as raízes acategoriais a partir das quais se formam nomes e verbos são abstratas e não contêm o traço de movimento. Essas raízes

⁹ Ver ANEXO 1. Os fotografamas dos dados desta pesquisa não serão inseridos no corpo do artigo por limites de espaço.

acategoriais vão se concatenar com um categorizador *v*, marcado por um traço [+movimento], tornando-se um verbo; ou com um categorizador *n* vazio, portanto, sem o traço [+M], tornando-se um nome.

O sinal nominal será composto pelo parâmetro movimento intrínseco à raiz, e não adjungido a ela. Isso se justifica, pois os parâmetros sublexicais exercem funções múltiplas em contextos distintos da derivação, conforme representado pela FIG. 3.

Figura 3 - Representação da derivação nome-verbo, em Libra



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Em síntese, o movimento observável na forma verbal é a realização do traço [+M], presente no categorizador *v*, quando não está contido na raiz e, concatenado a ela, a transforma em verbo. O traço [+M] será especificado conforme a qualidade do movimento observado, podendo ser intenso, curto, repetido, etc.

Essa hipótese é verificada em nossos dados, por exemplo,

pelo uso do corpo na execução do movimento na contraparte verbal do par DANÇA-DANÇAR, ilustrado na FIG. 4, e pela extensão da articulação do movimento no par TESOURA - CORTAR-COM-TESOURA.

Figura 4 - Par DANÇA - DANÇAR, em Libras



Fonte: Acervo da autora (2020)

Esse padrão se verifica nos pares ESCOVA DE DENTES – ESCOVAR-DENTES, CORTAR – CORTAR-COM-FACA e TRABALHO – TRABALHAR. Nos dois primeiros casos, a distinção se dá pelo uso do *mouthing* nas contrapartes verbais, o que indica adjunção de um MM a essas raízes. No terceiro par, o que se observa é a intensidade na articulação do movimento em TRABALHAR concomitante à articulação do MM, caracterizando-se como um traço distintivo da sua parte nominal. As FIG. 5 e 6 representam a articulação de dois desses pares.

Figura 5 - Par ESCOVA – ESCOVAR-DENTES, em Libras



Fonte: Acervo da autora (2020)

Figura 6 - Par TRABALHO – TRABALHAR, em Libras



Fonte: Acervo da autora (2020)

A análise dos dados atestou que tanto a especificação do traço [+E] por um MM adjungido a uma raiz quanto alterações que ocorrem no traço [+M] (mais alongado, intensificado, repetido, etc.) indicam a presença de um categorizador verbal.

Esta seção, portanto, se propôs a apresentar a análise dos dados deste trabalho sob o referencial teórico adotado. Adiante, apresentamos nossas considerações finais.

Considerações finais

Neste artigo, trouxemos uma discussão sobre a derivação de pares nome-verbo, em Libras, com o intuito de favorecer a compreensão de como ocorre a categorização gramatical que distingue esses sinais, especificamente, quais traços atuam como categorizadores na derivação de verbos.

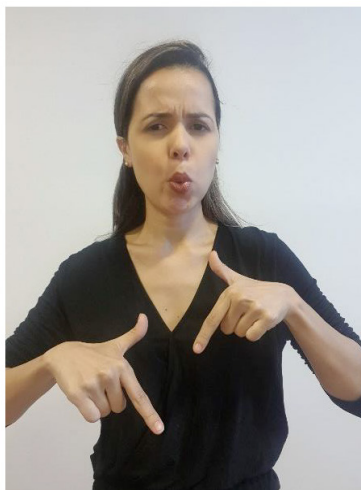
Para isso, selecionamos um conjunto de oito pares nome-verbo recorrentes na literatura acerca do tema e observamos se as características apontadas como distintivas dos pares se sustentavam na arquitetura da MD.

Argumentamos em favor de duas hipóteses, inicialmente, defendemos que a presença de um morfema boca, da Libras, marcado pelo traço [+expressão facial/boca], atua como um categorizador em verbos. E, ainda, que o movimento, quando não está contido na raiz, concatena-se a ela como um traço categorizador [+M], transformando-a em verbal. A raiz poderá se concatenar a uma forma Ø, quando não for adjungida por [+M] nem por um traço [+E]. É provável que, nesses casos, a diferenciação se dê por contexto sintático.

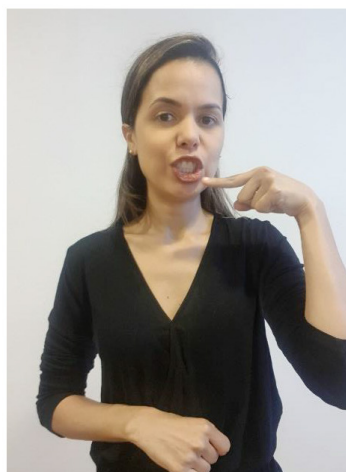
Finalmente, este artigo ofereceu algumas contribuições para o entendimento da derivação lexical, em Libras, sob o

ANEXO 1¹⁰

TRABALHO - TRABALHAR



ESCOVA DE DENTES – ESCOVAR – DENTES



¹⁰ Acervo da autora.

TESOURA – CORTAR-COM-TESOURA



ESCRITA – ESCREVER



AVIÃO - IR-DE-AVIÃO



CARRO - DIRIGIR-CARRO



FACA - CORTAR-COM-FACA



DANÇA - DANÇAR



Referências

ARMELIN, P. R. G. A Relação entre gênero e morfologia avaliativa nos nominais do português brasileiro: uma

abordagem sintática da formação de palavras. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2015.

BICKFORD, J. A.; FRAYCHINEAUD, K. Mouth morphemes in ASL: a closer look. In: QUADROS, R. M. (ed.). **Sign languages: spinning and unraveling the past, present and future.** (Papers and three posters from the 9th). Theoretical Issues in Sign Language Research Conference. Florianópolis, Brasil, Dezembro, 2006. Petrópolis/RJ, Brazil: Editora Arara Azul, 2008.

CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (org.). **Ken Hale: a life in language.** Cambridge, MA: MIT Press, 2001.

CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (org.). **Readings in English transformational grammar.** Waltham, MA: Blaisdell, 1970. p. 184-221.

CHOMSKY, N. Some observations on economy in generative grammar. **Is the best good enough**, v. 1, n. 1, p. 115-127, 1998.

CHOMSKY, N. **The minimalist program.** Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

DI SCIULLO, A. M.; WILLIAMS, E. **On the definition of word.** Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

EMBICK, D. **Localism versus globalism in morphology and phonology.** Cambridge, MA: MIT Press, 2010.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavra na Libras. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.

FINAU, R. A.; MAZZUCHETTI, V. A incorporação de numeral em estruturas classificadoras de língua brasileira de sinais. **ReVEL**, v. 13, n. 24, mar. 2015. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 20 jan. 2019.

GONÇALVES, C. A. V. Uma abordagem autossegmental para a morfologia. **Cadernos de Letras da UFF**, Dossiê: Difusão da Língua Portuguesa, n. 39, p. 211-232, 2009.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. *In*: HALE, Kenneth; KEYSER, S. Jay (ed.). **The view from building 20**. Cambridge: MIT Press, 1993.

MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *In*: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L.; SUREKCLARK, C.; WILLIAMS, A. (org.). **Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium**, v. 4, n. 2, p. 201-225, 1997.

MEIR, I. Word classes and word formation. *In*: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. **Sign language: an international handbook**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012. p.77-112.

MINUSSI, R. D.; RODERO-TAKAHIRA, A. G. Observações sobre os compostos da LIBRAS: a interpretação das categorias gramaticais. **Revista Linguística**, v. 9, n. 1, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: 19 jan. 2020.

PIZZIO, A. L. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira**: elementos que distinguem nomes de verbos. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Santa Catarina, 2011.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODERO-TAKAHIRA, A. G. **Compostos na língua de sinais brasileira**. 2015. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SCHER, A. P. ReVEL na escola: morfologia distribuída. **ReVEL**, v. 13, n. 24, p. 1-7, 2015.

SIDDIQI, D. **Syntax within the word**: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

STOKOE, W. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the american deaf. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 10, n. 1, p. 3-37, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/deafed/eni001>>. Acesso em: 19 jan. 2020.